Texto: “Notas sobre a experiência e o saber da experiência” de Jorge Larrosa Bondía

O autor começa diferenciando o pensamento moderno de educação, que promovem o ponto de vista da relação entre a ciência e a técnica ou entre a teoria e a prática, daquilo que está sendo proposto, que é pensar a educação a partir do par experiência/sentido.

Em seguida, ele dialoga sobre as palavras. Argumenta a importância destas, visto que, com o exemplo básico, nossos próprios pensamentos são feitos não de pensamentos, mas de palavras, ainda que isso signifique, e significa, não somente “raciocinar” e “argumentar”, mas também o próprio fato de dar-mos sentido ao que somos e sentimos, ao que nos acontece e nos transforma. Portanto, diante tal significado e poder da palavra, são travadas lutas por seu controle, por sua imposição ou silenciamento.

Assim, o autor discorre sobre sua proposta, a começar por entender melhor a expressão experiência/sentido, e a relação entre eles. A começar pela para *experiência,* sendo esta os acontecimentos que nos passam e nos tocam, pois, como cita o autor a Walter Benjamin, “Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça”, observando a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo, em que tantas e tão rápido as coisas acontecem, mas tantas poucas são verdadeiramente absorvidas por cada um.

Tal pobreza de experiências é consequência de algumas causas como o excesso de informação, o periodismo, a falta de tempo e o excesso de trabalho. Em primeiro lugar, distingue-se claramente o *saber da experiência* do saber coisas. Vivemos numa “sociedade de informação”, onde supõe que “o conhecimento se dá sob a forma de informação”, e aprender não seria outra coisa que não “adquirir e processar informação”. Aliada à informação, a necessidade de ter uma opinião supostamente critica à tudo aquilo sobre o que ele tem informação. O excesso de opinião assola a sociedade da informação, anulando a possibilidade de experiências, pois para tudo já há uma opinião formada, não permitindo reflexões ao acaso. O periodismo, como diz o autor, é a “fabricação da informação e a fabricação da opinião”, e, com isso, sujeitos fabricados e manipulados pelos aparatos da informação e da opinião, fatores essenciais para a incapacidade de sofrer experiências.

Também, as experiências são cada vez mais escassas pela falta de tempo e a demasiada pressa com que tudo passa. Ou seja, a vida se reduz ao “estímulo fugaz e instantâneo, imediatamente substituído por outro estímulo ou por outra excitação igualmente fugaz e efêmera. O acontecimento nos é dado na forma de choque, do estímulo, da sensação pira, na forma da vivência instantânea, pontual e fragmentada. A velocidade (...) produz sujeitos vorazes e insaciáveis de notícias, de novidades, eternamente insatisfeito. (...) Por isso, a velocidade e o que ela provoca, a falta de silêncio e de memória, são também inimigas mortais da experiência.”

O excesso de trabalho também é pontual para a substituição das experiências, apesar de por vezes serem dois acontecimentos que são confundidos entre si. O autor se posiciona criticando qualquer contagem de créditos para a experiência, qualquer conversão da experiência em mercadoria e em valor de troca, ou seja, da valoração do subjetivo pessoal.

Segundo o texto, este modo de vida nos faz ser indivíduos à que nada acontece, uma vez que estão sempre mobilizados, ultra-informados e transbordantes de opiniões. A experiência, por si, reque “um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar

mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço". O sujeito da experiência, portanto, é "um ponto de chegada, um lugar a que chegam as coisas, como um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar", sendo definido então, por sua passividade feita de atenção, receptividade primeira, disponibilidade fundamental e abertura essencial. É imprescindível para este sujeito a capacidade de expôr-se, com toda vulnerabilidade e risco que tem este ato.

Segundo Heidegger (1987), "fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo" (p. 143). Este, portanto, é outro caráter fundamental da experiência, a sua capacidade de formação ou de transformação. É também, a capacidade de paixão, de entrega, de dependência da tensão entre liberdade e escravidão, felicidade e sofrimento, e vivendo do seu próprio amor àquela paixão.

O saber da experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana, mas não no sentido científico e biológico que é abordado na ciência moderna. Quanto mais separado o conhecimento da existência humana, mais temos uma abundância de conhecimentos objetivos e artefatos técnicos e uma pobreza de saberes transformadores da vida humana. O saber da experiência é, na verdade, "o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece". Trata-se, portanto, de um saber finito ligado a um indivíduo ou comunidade humana particular, lhe revelando "o sentido ou sem-sentido de sua própria existência, de sua própria finitude". É um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, singular.

A experiência não é o caminho até um objetivo previsto, como um experimento ou um método objetivo, mas é uma abertura para o desconhecido.

Gabriela Ramos Andrade